

Caríssimo leitor!

Prazerosamente, estamos de volta. É importante que nosso diálogo seja cada vez mais estreito na vivência do contato direto e amplo na abordagem dos temas que mobilizam nosso cotidiano.

Experimentamos a satisfação do reencontro. O assunto – deficiência visual – mostra-nos, em sua complexidade, os vários perfis que precisam ser compreendidos e analisados. A preocupação com o dia a dia escolar, em diferentes esferas, traz-nos a certeza de que a educação de pessoas com deficiência visual necessita ser discutida. Os docentes de diversas áreas esperam os aportes pedagógicos nos quais possam apoiar-se para o desenvolvimento, de fato, de uma educação qualificada que trará novas perspectivas a alunos cegos ou com baixa visão. Nosso trabalho, bem o sabemos, não se circunscreve a esta revista; contudo, ela pode e deve converter-se em um instrumento que levanta dados, propõe estratégias, demonstra o espírito de pesquisa que paira nas ações desenvolvidas pelos educadores de nossos dias.

Vamos ler, discutir, entender, em profundidade, nosso papel diante de um alunado que clama por respeito a suas peculiaridades e necessidades mais prementes.

Passemos ao conteúdo deste primeiro número de 2013.

O primeiro artigo reserva-nos a importância do desenvolvimento físico direcionado a pessoas com deficiência visual. Compatibilizar corpo e mente é tarefa primordial para que alcancemos um novo homem, um sujeito pleno e capaz de dirigir sua vida, adquirindo crédito e autoestima. A natação é o centro das discussões dessa pesquisa, trazida por Cícero Pimentel de Miranda. Leiamos, com atenção, “A contribuição da natação para a saúde e a qualidade de vida de indivíduos com deficiência visual”.

“Deficiência visual: desafios para o ensino de geografia em sala de aula”, trazido por Dariane Raifur Rossi, nosso segundo artigo, coloca em foco a tradição de uma das escolas mais importantes no atendimento de pessoas com deficiência visual no Brasil: o Instituto Santa Luzia. O trabalho relata-nos a experiência no ensino da geografia, disciplina que exige aparatos pedagógicos especializados para que seja transmitida ao alunado deficiente visual. É importante verificar tal preocupação, fato que demonstra o comprometimento educacional que precisa perpassar todo o sistema educacional brasileiro.

O terceiro artigo desta edição nos traz um assunto que se torna prioridade na vida da pessoa com deficiência visual, principalmente da pessoa cega: orientação e mobilidade. O estudo nos fala de um dado extremamente importante: a autoestima, que vai centrar-se na autonomia e no enfrentamento de uma dificuldade concreta: a locomoção independente. Andreisa Jacinto de Oliveira Santos e Sandra Andrade de Castro discutem o tema em “Autoestima a partir do caminhar: orientação e mobilidade da pessoa com deficiência visual”.

Maria de Lourdes Esteves Bezerra e Joseane de Lima Martins oferecem-nos um artigo como último trabalho que, certamente, provocará uma reflexão. Discutimos há vários anos as políticas públicas direcionadas a crianças com deficiência visual. E o jovem? Como fica o ensino superior? É necessário que discutamos uma política educacional ampla e que atenda aos apelos e anseios dos jovens que buscam afirmar-se na sociedade, tanto quanto no mundo do trabalho. A pesquisa “Atendimento educacional aos alunos com deficiência visual na Ufac” abre-nos uma frente de análise bastante importante nos dias que correm. Esperamos que a leitura se faça sempre presente em seu cotidiano, prezado leitor. Colocamos em suas mãos a contribuição dos nossos articulistas. Até o próximo número.

Maria da Glória de Souza Almeida
Chefe de Gabinete
Instituto Benjamin Constant – IBC